

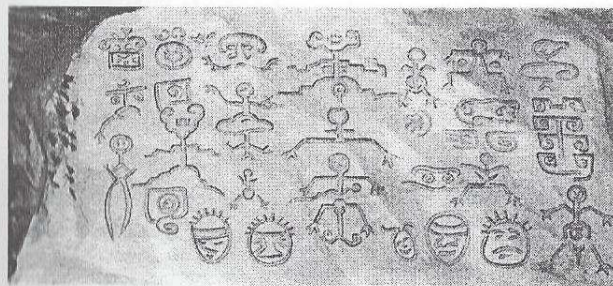
o excessivo rigor metodológico que caracteriza esse domínio da arqueologia acaba por engessar interpretações possíveis. Nesse momento, uma tendência prevalece nos estudos de arte rupestre e, independentemente da orientação teórica, as pesquisas vêm sendo marcadas por grande rigor técnico no que se refere à descrição de formas, de painéis, à análise de pigmentos etc. Esse movimento soa como uma reação à série de interpretações fantasiosas ou pouco fundamentadas que marcou o estudo desse campo.

Breve histórico do estudo da arte rupestre no Brasil

No período inicial da arqueologia brasileira (1870-1930), o tema que mais chamou a atenção dos pesquisadores foi a antiguidade da ocupação da região de Lagoa Santa, especialmente as descobertas que tentaram relacionar os primeiros caçadores com os ossos de megafauna encontrados em grutas e abrigos de Minas Gerais. As culturas do baixo Amazonas, os sambaquis e a arte rupestre também foram temas importantes no começo da formação da arqueologia brasileira.

Os grafismos rupestres são mencionados desde o século XVI. Alfredo Mendonça de Souza oferece um interessante histórico das pesquisas, e assinala que as *Lamentações brasileiras*, obra do padre Francisco Teles escrita entre 1799 e 1817, registram 274 sítios arqueo-

lógicos com gravações e pinturas no Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Pernambuco. Acreditando que tais sinais teriam sido feitos por indígenas e por holandeses e que seriam roteiros de tesouros, tentou decifrá-los, cotejando-os com os alfabetos grego e hebraico, signos zodiacais e tábuas astronômicas. O padre Francisco Teles não só realizou um levantamento detalhado de sítios rupestres, como, em certo sentido, inaugurou duas importantes correntes interpretativas deste tipo de testemunho arqueológico: a vertente que vê os grafismos como uma linguagem e a que os toma como referências astronômicas. Cientistas de várias procedências registraram manifestações rupestres durante suas expedições: Karl Friedrich Philipp von Martius (1818-21), Auguste de Saint Hilaire (1816) e Charles Frederich Hartt (1870). Jean-Baptiste Debret (1834) copiou as pinturas que estão às margens do rio Japurá e Rugendas (1835) desenhou algumas manifestações pelos caminhos por que passou.



Inscrições indígenas copiadas por Debret

É claro que nessa época discutia-se se tais manifestações eram decorrentes de processos naturais ou se tinham origem humana. Alguns estudiosos achavam que eram resultado da ação de partículas ferruginosas na pedra ou indícios da presença de Atlântidas no território brasileiro. As especulações sobre as marcas existentes na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, são um bom exemplo sobre as preocupações da época. Para muitos, essas marcas, resultado de processos naturais que ocorrem na rocha, eram o mais vivo testemunho da passagem de fenícios pelo que viria a ser o território brasileiro.

O primeiro trabalho mais extenso sobre arte rupestre, publicado em 1887 por Tristão de Alencar Araripe, afirmava se tratar de obra humana e de grande antiguidade, ressaltando, assim, a importância de seu estudo.

O início do século XX é marcado por uma grande polêmica com intensa participação da intelectualidade brasileira. De um lado, aqueles que não consideram a arte rupestre um tema digno de estudo e, do outro, os que a percebiam como uma manifestação carregada de significados, podendo ser uma forma degradada de escrita ou a origem de todas as formas de escrita do mundo. Por exemplo, Theodor Koch-Grünberg, diretor do museu etnográfico de Stuttgart, sustentava que a arte rupestre não passava de produto do ócio, não representando nenhum tipo de comunicação. Já Ermano Stradelli procurou explicações indígenas para inter-

pretá-la, vendo nos desenhos ordens de marcha, existência de víveres, posse, representações de deuses, instrumentos musicais, armas, animais e adornos. Seguindo essa linha, Alfredo Brandão (1914) interpretou os grafismos de Alagoas como uma forma pré-histórica de escrita, por ele decifrada e associada a uma civilização megalítica descendente da Atlântida. Já para Theodoro Sampaio (1922), os sinais seriam uma espécie de lápide mortuária e que ali estaria grafado o nome do índio morto e de sua descendência. Apoiando-se no vocabulário tupi, investiu em sua tradução. Paralelamente, vários cientistas continuavam a registrar as manifestações de arte rupestre em lugares do Brasil que iam sendo desbravados.

As diferentes linhas de interpretação da arte rupestre explicitam as noções que permeavam o imaginário da intelectualidade da época sobre o indígena que ocupava o território brasileiro. Por um lado, os testemunhos arqueológicos seriam resultado do ócio do indígena e não passavam de simples rabiscos inconseqüentes, não tendo portanto valor algum. Por outro, eram repletos de significados, o que eliminaria a hipótese de terem sido feitos pelos nativos ou seus antecedentes. Uma "escrita" tão sofisticada só podia ser obra de outras civilizações muito mais avançadas. Como resultado disso, em diferentes momentos a arte rupestre brasileira foi atribuída a gregos, fenícios ou atlântidas: afinal, as tribos existentes no Brasil, à época do descobrimento,

jamais poderiam ter elaborado desenhos com tamanha precisão e simetria...

O mesmo tipo de perspectiva também marcou as interpretações referentes a outros tipos de vestígios arqueológicos bem diferentes dos grafismos. Os enormes morros construídos com conchas e recheados de sepulturas, sítios arqueológicos denominados sambaquis, eram vistos como resultado da preguiça do indígena, que abandonava seus restos alimentares em qualquer lugar. As elaboradas estatuetas em pedra ali encontradas eram apontadas como obras de outros povos mais evoluídos!

Já em 1937, Herbert Baldus elaborou a primeira visão antropológica da arte rupestre ao estudar as pinturas de Sant'Ana da Chapada. Em 1941, José Anthero Pereira Jr. refutou as interpretações fantasiosas sobre a autoria dos grafismos — fenícios, holandeses, ciganos, atlântidas, entre outros — classificando-os segundo a técnica e estilo de elaboração, etapa fundamental de todo estudo moderno de grafismos.

Um dos pesquisadores que marcou mais profundamente a arqueologia brasileira foi Annette Laming-Emperaire, pesquisadora francesa que, após revolucionar os estudos de arte rupestre na Europa, demonstrando a existência de regras de elaboração dos grafismos, voltou-se para a pré-história brasileira. Esteve no Brasil diversas vezes, onde realizou escavações, ministrou cursos e formou toda uma geração de profissionais. A

partir de 1973, coordenou um grupo do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), da França, iniciando pesquisas em Minas Gerais. Os pesquisadores pretendiam obter as primeiras datações para a arte rupestre e sua inserção no contexto cultural pré-histórico. Essa Missão Franco-Brasileira formou uma importante corrente de pesquisa que — junto com a estabelecida pelo casal americano Clifford Evans e Betty J. Meggers, que coordenou um projeto de pesquisa para parte significativa do território nacional (1965-71) — estruturou a pesquisa arqueológica moderna no país. Enquanto Evans e Meggers dedicaram-se principalmente ao estudo de sítios cerâmicos, a Missão Franco-Brasileira teve sempre a arte rupestre como tema central de estudo.

É preciso ressaltar que já na segunda metade da década de 1960 pesquisadores brasileiros haviam começado a realizar levantamentos sistemáticos de grafismos nos estados do Sul. Em 1970, Desidério Aitay faz uma interpretação fortemente marcada pelo estruturalismo dos grafismos de Itapeva (SP). Ele procurou identificar a estrutura que ordenava as figuras que compunham um painel e comparou com mitos Jê. Porém, é a partir da década de 1970, com os resultados das pesquisas realizadas pelas Missões Franco-Brasileira em Minas Gerais e no Piauí, que se ampliam definitivamente os estudos. Apoiados na crescente produção de informação pela comunidade de arqueólogos, Nié-

de Guidon e André Prous sintetizam os dados relacionados com suas regiões de pesquisas e, separadamente, esboçam os primeiros quadros de referência que apresentam a caracterização das diferentes manifestações e sua distribuição no território brasileiro.

Os primeiros artistas

Para Paul G. Bahn, há 40 mil anos os aborígenes da Austrália já estavam pintando paredes e há 27 mil anos cavernas já estavam sendo decoradas na Europa, muito embora as evidências do hábito de pintar sejam muito mais antigas. Pigmentos naturais foram encontrados em sítios arqueológicos de datas remotas; fragmentos de corante, com marcas de terem sido usados para pintar, foram encontrados em diferentes partes do mundo (Índia, República Tcheca, França) com datação estimada entre 200 e 300 mil anos atrás, indicando que ancestrais do *Homo erectus* já tinham como costume manusear estes materiais, quer seja para efetuar pinturas, quer para explorar as qualidades terapêuticas de alguns pigmentos.

A equipe que estuda os grafismos da Serra da Capivara, no Piauí, data algumas pinturas ali realizadas em cerca de 26 mil anos. Como todas as referências cronológicas relacionadas aos primórdios da ocupação de qualquer território, esta data para os grafismos mais

antigos brasileiros também é polêmica, pois coloca em questão o período da chegada do homem às Américas.

Quando se quer discutir o início da ocupação de uma região ou os primeiros grafismos, o ponto central não é aceitar uma ou outra referência cronológica, e sim ter a clareza de que, quanto mais antiga uma manifestação pré-histórica, mais difícil é a obtenção de dados que consolidem uma hipótese de trabalho. Afinal, a pesquisa arqueológica organizada em moldes científicos modernos é extremamente recente no Brasil, com os primeiros projetos remontando apenas à segunda metade da década de 1960. Nesse período prevalecia a idéia, defendida fortemente por arqueólogos norte-americanos, de que a chegada do homem à América seria um fato recente.

O modelo clássico propõe que os primeiros grupos alcançaram o continente americano atravessando o estreito de Behring, aproveitando a "ponte" formada entre a Sibéria e o Alasca por volta de 18 e 13 mil anos atrás, em decorrência de mudanças climáticas que resultaram no recuo da linha da costa e, por conseguinte, na exposição de amplas planícies litorâneas. Os primeiros caçadores teriam seguido a migração dos grandes animais (bisonte, cavalo, mamute, caribu) através desse caminho, denominado Behringia. Ao chegarem à Grande Planície no centro da América do Norte, a ação humana e um acentuado crescimento demográfico teriam levado à extinção dos grandes

animais, como mastodontes, mamutes e camélídeos. Para sobreviver, teriam migrado cada vez mais para o sul, acabando por atingir a Terra do Fogo.

Supunha-se, também, que os primeiros grupos que chegaram à América do Sul compartilhariam certas semelhanças com os primeiros colonizadores da América do Norte. Esperava-se encontrar por aqui indícios característicos dos caçadores especializados em animais de grande porte, como o mamute e o bisonte. Os caçadores do planalto norte-americano contavam com pontas líticas muito sofisticadas tecnologicamente que foram recuperadas em sítios de matança de animais. Designadas como pontas Clóvis e Folsom, provenientes de sítios datados em 11.200 e 10.900 anos AP, respectivamente, foram feitas com apurada tecnologia de lascamento que implicava retiradas de lascas de pedra dos dois lados da ponta até que a peça ficasse bem delgada. Para concluir, um golpe certo punha em risco todo o trabalho do artesão e, se bem-sucedido, retirava uma longa lasca no sentido longitudinal da ponta.

Levando em conta que não há indícios seguros de que os homens tenham primeiro chegado à América do Sul para depois ocupar a do Norte, supunha-se que eles teriam colonizado o nosso continente por volta de 10 mil anos atrás. Caçadores teriam cruzado o istmo do Panamá e seguido pela Colômbia até atingir a extremidade sul das Américas. Seguindo esse modelo,

o continente teria sido povoado em apenas 500 anos, numa espécie de corrida migratória. Os resultados das pesquisas realizadas no sítio Monte Verde, no sul do Chile, trouxeram nova luz a este debate. Tom Dillehay obteve datações de 12.500 e 13.000 anos AP, sugerindo com isso uma ocupação no final do Pleistoceno* totalmente distinta da empreendida na América do Norte. Pesquisas que estão sendo realizadas em sítios antigos no Brasil indicam, ainda, que o estilo de vida era bastante diferente dos caçadores de animais que ocuparam as planícies da América do Norte.

Os estudos de sítios dos primeiros colonizadores e uma série de datações antigas que tinham sido obtidas em diferentes estados do país — Bahia (9.610 ± 90), Goiás (10.750 ± 3000), Mato Grosso (10.405 ± 100), Mato Grosso do Sul (10.340 ± 110), Minas Gerais (12.330 ± 230) — começam a confirmar a existência de grupos humanos em época recuada. Alguns pesquisadores acham que a ocupação do Brasil é ainda mais antiga e certamente novas escavações vão liberar informações que podem ser surpreendentes. Pois, se de fato as primeiras populações que ocuparam as Américas atravessando o estreito de Behring e depois cruzaram a América do Norte, a Central para só depois chegar à

* Pleistoceno é um dos períodos geológicos cujo final está situado entre 15 e 11 mil anos atrás, quando se inicia o Holoceno, que é o período atual.

do Sul e se Monte Verde, no extremo sul do continente americano, foi ocupado por volta de 12.500 anos AP, é possível que sejam encontrados testemunhos mais antigos no território brasileiro. Niède Guidon obteve uma série de datas bem recuadas para sítios no Parque Nacional da Serra da Capivara, e tem discutido o tema com pertinência mas sem total aceitação pela comunidade de arqueólogos. O sítio Boqueirão da Pedra Furada apresenta datas que se aproximam de 50 mil anos.

Como sugere Paulo De Blasis, apesar da escassez e fragilidade das evidências existentes, um crescente número de pesquisadores começa a aceitar a idéia de que o homem teria penetrado na América em datas mais recuadas, aproveitando diferentes momentos da formação da passagem pelo estreito de Behring, criando condições para que diferentes levadas de grupos humanos migrassem para o continente americano.

É natural que o debate ocorra e seja acalorado, pois a arqueologia é uma ciência social que caminha lentamente, acumulando conhecimento produzido pela comunidade de arqueólogos e, como os demais campos de saber, é integrada por estudiosos que abraçam hipóteses distintas. Como toda ciência, cabe aos pesquisadores que inovam o ônus da prova. Segundo Anna Roosevelt, para que seja aceita a antigüidade de ocupação de um sítio é necessário haver numerosas datas concordantes relacionadas a uma série de materiais, tais como artefatos, esqueletos humanos e restos alimenta-

res, além de uma seqüência cronológica oriunda de depósitos estratificados intactos — e são poucos os sítios antigos que reúnem todas estas características.

Renato Kpnis sugere que, diferente do que havia sido proposto, os primeiros ocupantes do Brasil Central eram principalmente coletores e que a sua indústria lítica caracterizava-se pela presença de raspadores utilizados no trabalho da madeira e de algumas poucas pontas de projétil. Os restos botânicos indicam a exploração de coquinhos, guariroba, licuri, chichá (amendoim-de-bugre), pequi, jatobá e outros frutos do cerrado. A caça tinha como presa animais de pequeno e médio porte (roedores, tatus, primatas, preguiças, lebres), répteis, aves e peixes. Animais maiores, tais como (veado, porco-do-mato, anta) são raros nos momentos iniciais, sendo mais representados no final. Para o autor, não há nenhuma evidência clara de caça sistemática à megafauna e, como bem demonstra, trata-se de um modo de vida bem diferente daquele dos caçadores de grandes animais que ocuparam a América do Norte. Estes grupos aprenderam a explorar a grande diversidade de recursos disponíveis nos novos ambientes tropicais.

Acumula-se, no Brasil e na América do Sul, uma série de informações sobre sítios antigos; agora, saber exatamente quando este processo começou e demonstrar toda a sua complexidade vai exigir dos cientistas muito mais pesquisa. Neste momento, é importante saber que as informações disponíveis asseguram que a

partir de 12.000 AP o território brasileiro já estava ocupado e que muito cedo os caçadores começaram a decorar as paredes rochosas com grafismos. Mais ainda, que este hábito perdurou até o período de contato com os europeus. Foi entre os grupos de caçadores que surgiu o hábito de pintar e gravar as paredes de pedra.

No que se refere à antiguidade dos grafismos, também é preciso levar em conta que a primeira datação de pigmentos feita através do método Carbono-14 foi realizada há muito pouco tempo. Em 1987, na África, datou-se pigmento feito com carvão retirado de pinturas da Caverna da Sonia, em Boontjieskloof, e depois disso datações foram obtidas em vários lugares. Nas regiões onde existe arte rupestre é recorrente a longa duração do hábito de decorar paredões de pedra com pinturas e gravuras. Na Austrália, cujas primeiras manifestações estão datadas de 40 mil anos, os aborígenes ainda mantêm essa tradição. Nos continentes onde há arte rupestre, foram estudadas maneiras de representação que variam tanto no espaço como no tempo. Vejamos o caso do território brasileiro.

Caracterização e distribuição espacial dos grafismos brasileiros

Para apresentar um quadro de referência apóio-me na proposta de ordenação dos grafismos brasileiros elabo-

rada por André Prous (1992). Ele ressalta que ao tentar delimitar grandes conjuntos, denominados na arqueologia brasileira de *tradições* arqueológicas, teve que incluir uma certa variabilidade intra-regional — que pode estar relacionada a evoluções culturais no tempo e no espaço, ou mesmo a funções distintas de determinados espaços. Destaca, ainda, que, ao estabelecerem tradições regionais, as diferentes manifestações podem se misturar ou se sobrepor, particularmente em áreas de fronteira.

A tradição arqueológica implica uma certa permanência de traços distintivos que são geralmente temáticos. Já os estilos, uma das unidades recorrentemente utilizadas pelos estudiosos, são subdivisões estabelecidas a partir de critérios técnicos. André Prous estabelece oito tradições para o território brasileiro que são conhecidas pelas seguinte denominações: Meridional, Litorânea Catarinense, Geométrica, Planalto, Nordeste, Agreste, São Francisco, Amazônica. Gabriela Martin, por sua vez, apresenta uma leitura mais detalhada sobre as tradições rupestres do Nordeste e uma minuciosa conceituação dos instrumentos analíticos — tradições, fases, estilos, fácies — utilizados pelos pesquisadores para delimitar conjuntos. Com pertinência, ressalta ainda a complexidade do mundo pictórico do Brasil pré-histórico e como é difícil apreendê-lo e subdividi-lo, tanto para fins didáticos quanto operacionais. Vejamos, entretanto, as principais características das tradições apresentadas por André Prous.

A tradição *Meridional* é uma manifestação que ocorre no sul do Brasil e em outros países da fronteira. Os sítios do Rio Grande Sul apresentam-se alinhados nas escarpas do planalto, sendo também encontrados em blocos isolados e em abrigos e grutas. As gravuras foram feitas no arenito, principalmente através da técnica de incisão ou de polimento, tendo sido, muitas vezes, a superfície da pedra previamente preparada através de picoteamento.

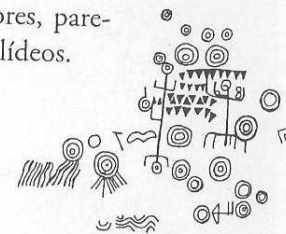
Os sulcos não são muito profundos, tendo menos de 1cm de profundidade, e em alguns sítios foram encontrados vestígios de pigmentos de diferentes cores (preto, branco, marrom e roxo) que formam gravuras geométricas lineares. A temática é considerada pobre e pode ser dividida em dois grupos. Um dos estilos caracteriza-se pela presença de traços retos paralelos ou cruzados, sendo alguns curvos. A combinação de traços retos às vezes forma o que se costumou chamar de "tridáctilos". O outro estilo caracteriza-se pela presença de séries de círculos maiores, cada um rodeado na parte



Gravura da tradição Meridional. Sítio D. Josefa (RS)

superior por círculos menores, parecendo formar pegadas de felídeos.

Os painéis gravados da tradição *Litorânea Catarinense* estão situados em ilhas, em locais de difícil acesso e até mesmo perigosos, chegando a

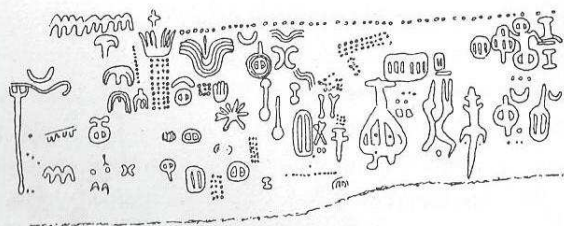


Grafismo da tradição Litorânea Catarinense. Ilha dos Corais (SC)

distar 15 quilômetros da costa e estando orientados para o alto-mar. As ilhas que foram escolhidas para gravação dos sinais estão distribuídas em intervalos de 20-25km de distância, sendo consideradas importantes pontos marítimos para o grupo que fez os grafismos.

As gravações foram feitas no granito, através da técnica do polimento e os sulcos têm até 4cm de largura. André Prous estabeleceu 14 temas. A maioria deles é integrada por desenhos geométricos através da combinação de traços e estão presentes duas formas humanas também geométricas.

Atravessando o planalto de Sul até o Nordeste, cortando os estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás e Mato Grosso, são encontradas as manifestações que compõem a tradição *Geométrica*, que, como o nome diz, caracteriza-se quase exclusivamente por gravuras geométricas. Em decorrência da grande área de distribuição e de uma certa variedade, André Prous a subdivide em meridional e setentrional.



A Pedra Lavrada, de Ingá (PB): tradição Geométrica (setentrional)

As manifestações mais setentrionais referem-se a sítios gravados nas imediações dos rios, particularmente nas proximidades de cachoeiras. Muitos blocos gravados costumam ser cobertos pelas águas durante as enchentes, o que parece ter sido uma escolha dos gravadores. As gravuras geralmente são polidas, ocorrendo muitas depressões esféricas, chamadas de cupuliformes pelos arqueólogos. Aparecem algumas representações biomorfas que lembram sáurios ou homens. A Pedra Lavrada, de Ingá, na Paraíba, é um dos exemplos bem conhecidos.

Os sítios mais meridionais apresentam gravações, algumas vezes, retocadas com pigmentos, não são banhados pelas enchentes e estão localizados até mesmo distante das águas. Ocorrem tridáctilos, triângulos e alguns deles têm uma incisão ou ponto em seu interior e, por isso, alguns arqueólogos os denominaram “vulvas”.



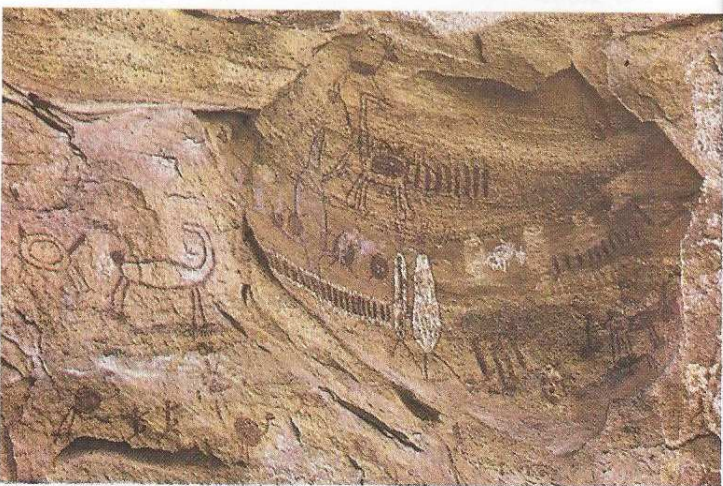
1. Essas gravuras parecem representar pisadas de aves e mamíferos. Exemplo da tradição *Meridional*. Canhemborá, Nova Palma (RS).



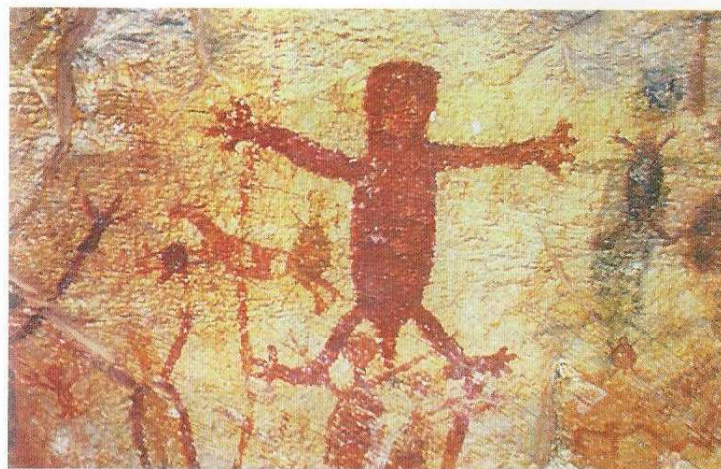
2. Tradição *Litorânea Catarinense*, com os desenhos e a forma humana geométrica característicos. Ilha do Campeche (SC).



3. Peixes e outros animais, assim como a cor vermelha, são típicos da tradição *Planalto*. Essa pintura encontra-se no abrigo de Santana do Riacho (MG).



4. A tradição *Nordeste* é marcada por representações de figuras humanas e de animais como emas e cervídeos. Toca do Boqueirão da Pedra Furada (PI).



5. Antropomorfos e animais estáticos da tradição *Agreste*. Parque Nacional Serra da Capivara (PI).



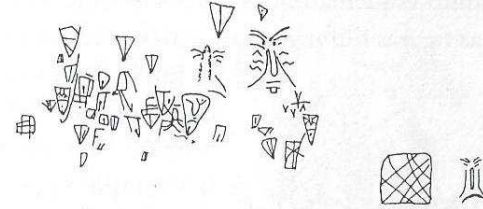
6. Os répteis são formas freqüentes na tradição *São Francisco*. Figuras com decoração interna simétrica demonstram forte sentido de efeito dos pintores. Lapa do Boquete, Januária (MG).



7. Itaquiarias de Cachoeira do Letreiro, em Carnaúba dos Dantas (RN): exemplo da tradição *Geométrica*.

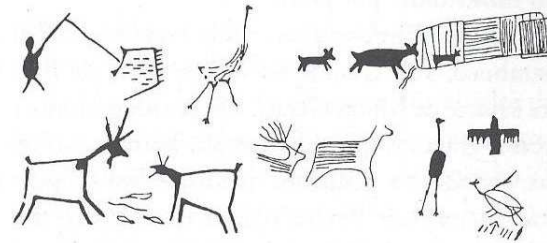


8. Antropomorfo da tradição *Amazônica*. A riqueza de detalhes chama a atenção: traços do rosto, cabelos e até outra figura humana na região da barriga, sugerindo gravidez. Serra da Careta, Prainha (PA).



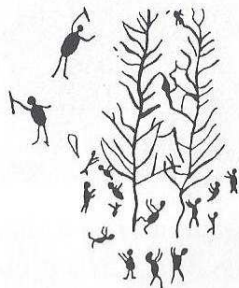
Tradição *Geométrica* (meridional).
Morro do Avencal (SC)

A tradição *Planalto* está presente em muitos sítios do Planalto Central brasileiro, do Paraná até a Bahia, sendo o seu foco principal o centro de Minas Gerais. A maioria dos sítios apresenta grafismos pintados em vermelho, embora ocorra também alguns nas cores preta, amarela e mais raramente branca. Muitos animais estão representados, entre eles cervídeos, peixes, pássaros e mais raramente tatus, antas, porcos-do-mato e tamanduás. Aparecem algumas formas geométricas e figuras humanas também foram pintadas; quando são



Grafismos de animais, comuns na tradição *Planalto*.
Iapó e Tibagi (PR)

muito esquematizadas, formam conjuntos de pequenas figuras filiformes que parecem cercar os animais.



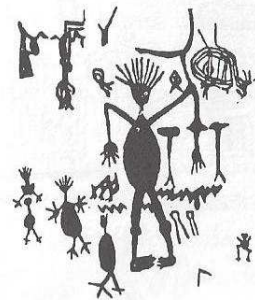
Grupo de figuras humanas, característico da tradição Nordeste (PI)

“implícitas”, ou seja, associações repetitivas e, portanto, significativas: grupo de três animais com características de macho, fêmea e cria, associação de veado e de cervídeo, e ainda figura com corpo e cabeça de veado, as pernas sendo substituídas por peixes.

A tradição *Nordeste* ocorre nos estados do Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, parte de Bahia, Ceará e norte de Minas Gerais. São pinturas monocromáticas e gravuras que representam homens, animais (emas, cervídeos e pequenos quadrúpedes) e algumas figuras geométricas. Porém, o que a distingue da tradição Planalto é a abundância de antropomorfos agrupados formando cenas de caça, dança, guerra, sexo, rito,

entre outras. Os humanos seguram armas (bastões, propulsores), cestas e outros objetos.

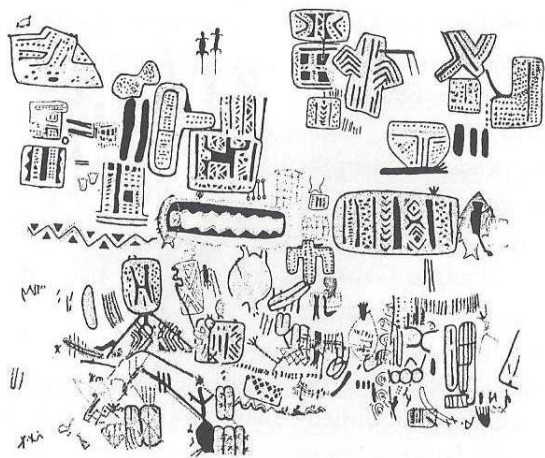
As pesquisas sistemáticas desenvolvidas por Niéde Guidon, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martin estabeleceram uma série de variações regionais decorrentes do tratamento e da dimensão das figuras, bem



Grafismos da tradição Agreste. Sítio Pedra Redonda, Pedra (PE)

como das cenas representadas. Em algumas regiões é recorrente uma cena em que aparece uma grande ave dominando um conjunto de pequenas imagens, danças dirigidas por uma figura que ostenta um cocar, cenas de luta, de caça à onça, de violência e sexo, entre outras. As cenas são tão bem organizadas que se revelam uma verdadeira tentação para o observador, que tem a nítida impressão de poder decodificar as mensagens veiculadas pelos pintores.

A tradição *Agreste* manifesta-se nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí, caracterizando-se pela presença de grandes figuras, geométricas ou biomorfas, sendo que as figuras humanas lembram espantalhos. As emas e os quelônios são representados de maneira estática e há também pássa-



Parte do Painel III da Lapa do Caboclo (MG).
Tradição São Francisco

ros de asas abertas e longas pernas, alguns lembrando figuras humanas. As cenas são raras e delas participam poucas figuras, como por exemplo homens caçando ou pescando. Para André Prous os desenhos agrupados nesse conjunto podem ser uma mistura de duas tradições, a Nordeste e a São Francisco, provavelmente pintados em épocas diferentes.

A tradição *São Francisco* é típica do vale do rio São Francisco, em Minas Gerais, Bahia e Sergipe e nos estados de Goiás e Mato Grosso. Nos grafismos predominam os motivos geométricos, mas verificam-se também desenhos que representam formas humanas e

animais (peixes, pássaros, cobras, sáurios e algo parecido com tartaruga). Não existe nenhuma cena e, na maioria dos casos, as figuras são feitas em duas cores. Como outras tradições, também apresenta variedades regionais que contam com representações de pés humanos, armas, instrumentos. Em algumas localidades, em lugar de pintar, o grupo pré-histórico representou os mesmos motivos através de gravuras picoteadas. Em outros locais, incluíram pigmentos pretos e brancos no interior dos sulcos. Os artesãos demonstraram um forte sentido de “efeito” na combinação de cores vivas e na organização interna das figuras geométricas, o que torna os painéis extraordinariamente espetaculares.

Antropomorfos simétricos e geometrizados caracterizam a tradição *Amazônica* — ainda pouco estudada, principalmente se comparada às tradições Planalto, Nordeste ou São Francisco, que já contam com levantamentos sistemáticos e detalhados. Nas margens dos rios Cuminá, Puri e Negro, as cabeças de figuras humanas gravadas geralmente são radiadas, enquanto nas proximidades de Monte Alegre são pintadas. Há, também, em outras localidades painéis compostos por bastões e gravações curvilíneas. No estado de Roraima ocorrem retas pintadas paralelas ou formando retângulos preenchidos com traços.

O mapa preparado por André Prous fornece uma boa idéia da distribuição espacial das várias tradições de arte rupestre no território brasileiro. Porém, é preciso

ressaltar que muitas regiões ainda não foram alvo de pesquisas sistemáticas, o que permite supor que as manifestações rupestres sejam muito mais diversificadas e fascinantes do que se imagina. Apenas para demonstrar como ainda há muito a ser descoberto, cito o ponto de vista de Mentz Ribeiro, que não vê semelhanças entre os grafismos do cerrado de Roraima e os outros encontrados no Brasil, aproximando-os de algumas pinturas descobertas na Venezuela e gravuras existentes na Guiana.

A Amazônia é ainda uma imensa região a ser estudada pela arqueologia. Ocupada desde 11.200 anos AP, conta com a cerâmica mais antiga das Américas e com uma diversidade de formas, acabamentos e motivos aplicados aos vasilhames de barro que dão uma leve idéia do que deve ter sido esse caldeirão de efervescência cultural. Edithe Pereira menciona o registro de 300 sítios com arte rupestre, destacando que apenas algumas áreas foram objeto de estudos detalhados. Em sua pesquisa no noroeste do Pará identificou três conjuntos rupestres distintos — dois relacionados com pinturas e um com gravuras. O conjunto de pintura de Monte Alegre foi feito em paredes de grutas e abrigos e paredes a céu aberto. Muitas vezes, a própria pedra foi aproveitada para dar volume ou compor a figura. Os antropomorfos foram pintados com a aplicação de duas cores e têm grandes dimensões, alguns com mais de 1m. Apresentam cabeça, tronco e membros e é recorrente a presença de traços do rosto. Muitas vezes

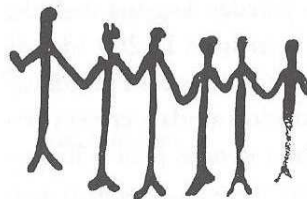
o tronco está preenchido com desenhos geométricos sugerindo a representação de algum tipo de adorno e as cabeças apresentam cocar. A maioria das figuras está de pé, sendo que alguns estão de cabeça para baixo ou deitados. Geralmente não há indicação do sexo mas alguns têm órgãos sexuais masculinos.



Grafismos da região de Monte Alegre (PA)

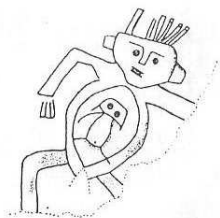
Também são recorrentes os desenhos de mãos, que podem aparecer isoladas, em par, em série irregular e superpostas a outras figuras, algumas contando com círculos concêntricos desenhados nas palmas. Aves, peixes-boi, peixes, círculos, volutas também foram pintados nas rochas.

Já no conjunto da região de Alenquer as figuras humanas estão representadas em seus traços essenciais sem qualquer detalhe anatômico. Segundo a pesquisadora, sua principal característica é a composição de uma cena na qual as figuras aparecem uma ao lado da outra de mãos entrelaçadas.



Pinturas rupestres de Alenquer (PA)

A tradição Amazônica de gravuras tem como principal temática figuras humanas que podem ser completas ou apresentar

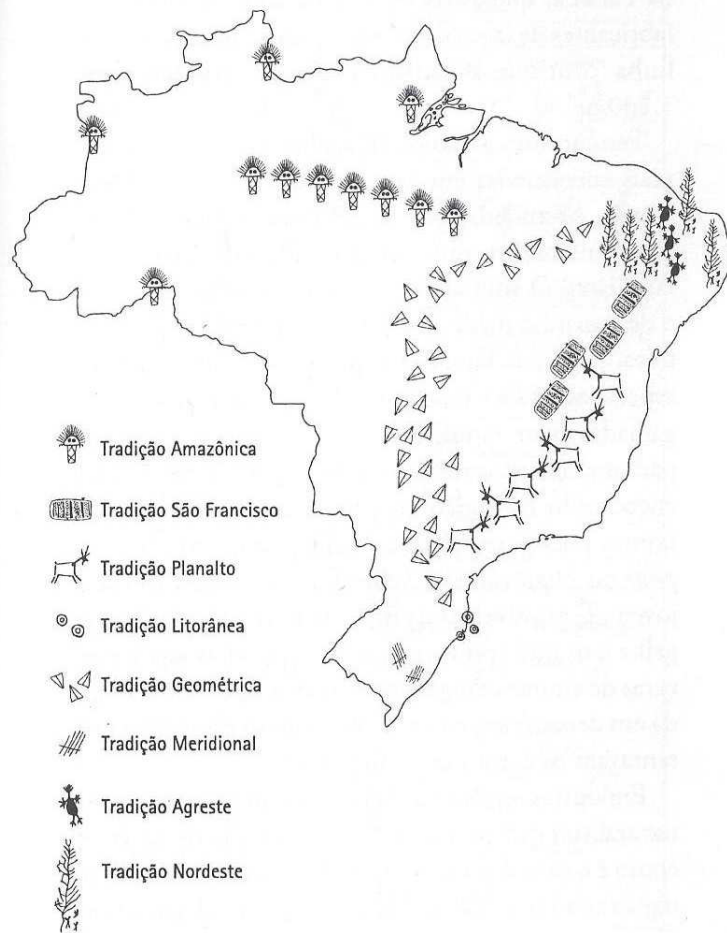


Antropomorfos, principal temática da Tradição Amazônica

apenas a cabeça. As completas exibem os traços do rosto, inclusive boca com dentes. A maioria é assexuada, e somente algumas sugerem a imagem de mulher através do que parece ser a representação de gravidez.

Edithe Pereira ressalta que existem outros conjuntos na Amazônia que precisam ainda ser estudados e que o número de escavações é tão restrito, apenas duas, que limita o conhecimento sobre o contexto arqueológico em que a atividade gráfica se desenvolveu. A escavação realizada em Monte Alegre, por Ana Roosevelt, forneceu referências cronológicas para as pinturas através da recuperação de pigmentos cuja composição é similar à das figuras encontradas nas paredes da gruta da Pedra Pintada. Considera-se que a partir de 11.200 anos AP as paredes já estavam sendo decoradas com pinturas.

Outras manifestações pictóricas ainda merecem destaque. Gabriela Martin chama atenção para as itaquatiaras, gravuras realizadas nas rochas localizadas às margens dos rios do Norte e Nordeste. Destaca especialmente a Itaquatiara do Ingá ou Pedra Lavrada do Ingá,



Mapa com a distribuição das tradições de arte rupestre

na Paraíba, que antes da destruição provocada pelos fabricantes de lages tinha inscrições formadas por uma linha contínua e uniforme por aproximadamente 1.200 m².

Pertencentes à tradição Planalto, as pinturas de animais encontradas em Santana do Riacho, em Minas Gerais, e estudadas por André Prous e Alenice Baeta, são tão naturalistas que permitem identificar conjuntos familiares. O animal maior e com galhadas é o macho, o de tamanho médio é a fêmea e o de menor porte é o filho. Algumas figuras são passíveis de identificação, especialmente os veados machos: os que apresentam galhadas bem ramificadas caracterizam o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), que já não é mais encontrado na região; as galhadas com duas ou três pontas podem se referir ao veado-campeiro (*Dorcelpus* ou *Hippocamelus bezoarticus*) ou a de um cervo jovem. É provável ainda que a maioria dos cervos sem galha e os que apresentam até duas pontas sejam pinturas de animais do gênero *Mazama*, hipótese reforçada em decorrência da maneira como os pintores representavam os corpos dos animais.

Em outras regiões também ocorrem pinturas muito naturalistas que permitem a identificação de espécies, como é o caso dos vários tipos de lagartos existentes na região central da Bahia. Na Serra do Cabral, em Minas Gerais, em pesquisa bem criativa junto com caçadores da região, Paulo Seda e Gilda Andrade identificaram

MORFOLOGIA DOS CERVÍDEOS						
GALHA						
Sem galha	Uma simples	Dupla simples	Mais de duas simples	Uma bifurcada	Dupla bifurcada	Dupla ramificada
Única ramificada						
FORMA DO CORPO			QUARTO TRASEIRO/CAUDA			
Biconvexo simétrico 	Biconvexo dissimétrico 	Barriga plana 	Reto, horizontal No meio do corpo 			
Dorso plano 	Dorso sinuoso 	Dorso "corcundo" 	Reto, para cima Extremidade arredondada 			
Dorso côncavo 	Dorso convexo 	Retangular comprido 	Pontudo, para cima 			
Retangular curto 	Trapezoidal 		Circular Sem cauda 			
Semicircular Sem cauda 						
PERNA						
ESPESSURA DO TRAÇO	FORMA		DISPOSIÇÃO		EXTREMIDADE DISTAL	
Filiforme 	Reta 	HOMOGÊNEA PARALELAS	Para frente 		Simples //	
	Pouco curva 		Para trás 		Bidactilo	
	Muito curva 		Para dentro 		//	
Grosso 	Pouco angulosa 	ESPELHADAS	Para fora 		Tridactilo	
	Dobrada 		HETEROGÊNEA 		//	

Exemplo de estudo sobre a representação de cervídeos. Santana do Riacho (MG)

uma série de animais. A serra é uma excelente localidade para caça e as figuras pintadas nos painéis são tão bem elaboradas que em alguns casos foi possível estabelecer o sexo e a idade do animal. Entre os peixes foram identificados piaba, pacu, piranha e bagre; entre os répteis, tartaruga, cágado e tiú; a única ave identificada foi a ema. Vários mamíferos — como macaco, veado-galheiro, veado-campeiro, anta, cachorro-domato, lontra, onça, mocó, cutia, capivara, coelho, tatu, tatu-bola, tatupeba, tamanduá-bandeira — foram pintados nos paredões.

Como é possível perceber, é uma profusão de grafismos, de variadas formas, temas, técnicas de fabricação, estilos de representação, diferentes suportes e distintas implantações dos desenhos na paisagem, ora chamando a atenção para os grafismos, ora os escondendo. Toda essa diversidade denota a profundidade temporal do hábito de usar tintas e decorar rochas e a multiplicidade cultural que se estabeleceu no que é hoje o território brasileiro.

Estudo dos grafismos através do tempo

Após apresentar a distribuição espacial dos vários conjuntos de grafismos, mostrarei como os pesquisadores estudam a sucessão dos grafismos ao longo do tempo. Com os vários métodos de datação existentes, cada dia

é mais fácil estabelecer a época em que um sítio arqueológico foi construído ou uma cerâmica fabricada. Materiais orgânicos podem ser datados através da análise de Carbono-14 e, com o desenvolvimento desta técnica, até mesmo pequenas partículas podem ser analisadas através do *accelerator mass spectrometry*. Caso existam componentes orgânicos misturados aos pigmentos poderão ser obtidas datações bem precisas para os grafismos. Mas como estabelecer a data de rochas que foram picoteadas ou pintadas com pigmentos inorgânicos?

No caso dos grafismos realizados em paredões ou cavernas com sedimento, é possível correlacioná-los aos materiais arqueológicos recuperados no solo; porém, é preciso levar em conta vários aspectos relacionados com a formação dos sítios arqueológicos. Muitos sítios foram ocupados, em diferentes épocas, por distintos grupos culturais e é difícil estabelecer qual deles é o responsável pelos grafismos ou pelos diferentes conjuntos de grafismos que decoram as paredes. Abrigos localizados em pontos estratégicos não são muito frequentes na paisagem e podem ter sido ocupados por diferentes etnias e ter tido funções distintas para cada grupo — moradia, acampamento para caça, armazenamento de víveres ou cemitério —, o que torna a vinculação de vestígios de solo com os grafismos uma tarefa bastante difícil. Um dos requisitos básicos para estabelecer tal correlação é entender o processo de